TERRTÓRIO E TERRITORIALIDADES DAS ÁREAS DE VIDA - IDENTIDADES DA AGROFLORESTA

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 13ª edição, de 26/08/2024 a 30/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-112-7

DICKEL; Mirian Fabiane [1], SANTO; Alvori Cristo dos [2]

RESUMO

TERRTÓRIO E TERRITORIALIDADES DAS ÁREAS DE VIDA

IDENTIDADES DA AGROFLORESTA

Mirian Fabiane Dickel Strate , Doutoranda em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS (mirianfabiane@gmail.com);

Alvori Cristo dos Santo, Observatório de Segurança Alimentar, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (alvoricaelon@hotmail.com);

Resumo: Nos últimos anos, diversos fatores têm impulsionado grandes impactos na biodiversidade e nos ecossistemas, principalmente no que se refere às mudanças climáticas, afetando a soberania e segurança alimentar e nutricional das populações humanas. As agroflorestas contribuem na perpetuação de conhecimentos locais e valores socioculturais, promovem serviços ecossistêmicos, conservam a biodiversidade , protegem os recursos hídricos tornando o sistema alimentar mais resiliente. Povos originários, populações tradicionais e camponesas estabelecem relações mais integradas com as outras formas de vida e o território, manejando a paisagem , estabelecendo relações entre a ecologia e a cultura. Este estudo utiliza elementos etnográficos acerca do modo de vida do povo Guarani, sobre a funcionalidade de elementos territórios de uso (produção) e vida, de significados complexos – instrumentos, para analisar sistemas agroflorestais biodiversos no Trapézio Amazônico na tríplice fronteira Peru – Colômbia – Brasil, onde vivem grupos étnicos Ticuna, Kambeba e Kokama, comparados à alguns elementos estruturais de funcionalidade de territórios modo de vida de outros povos e comunidades tradicionais no Brasil. Destaca-se que estes sistemas agroflorestais são manejados em territórios comunitários diferenciando-se singularmente de unidades produtivas familiares individuais, que apresentam grande diversidade de espécies onde a territorialidade dos fluxos de vida, das espécies manejadas, domesticadas e selvagens, é um elemento importante para a conservação da biodiversidade, como também para a manutenção dos serviços ecossistêmicos e para a soberania alimentar dos povos e comunidades tradicionais.

Palavras chave: Agrofloresta – território- territorialidade- soberania e segurança alimentar- povos e comunidades tradicionais

Introdução

A alimentação e sua relação com a sustentabilidade planetária afeta a todos e vem se agravando ao do longo tempo. Há um processo produtivo alimentar, crescentemente globalizado e dominante, com incontáveis e complexas ramificações e implicações sobre a sustentabilidade, a cultura, a sociedade, a economia e, mais importante, sobre a saúde e o bem-estar humano, como apresentado no Relatório Sindemia Global da Revista The Lancelet em 2019.

Nos últimos anos, diversos fatores têm impulsionado grandes impactos na biodiversidade e nos ecossistemas, dentre eles as mudanças no uso da terra e do mar, desequilíbrios climáticos e a invasão de espécies exóticas, colocando em risco a segurança das safras de alimentos no longo prazo, principalmente de espécies nativas necessárias à segurança alimentar e nutricional (ONU

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

BRASIL, 2019). Como consequência, a agropecuária é transformada em inimiga da floresta, a partir do avanço das monoculturas nos ecossistemas tropicais e subtropicais (COELHO, 2012).

A Plataforma Intergovernamental de Ciência e Política de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES) sugere que a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos devem estar integrados às agendas de desenvolvimento dos países. Desta forma, considerar as escolhas alimentares das populações, integrando cada vez mais a agrobiodiversidade às dietas, construindo cadeias curtas e mercados sustentáveis, desenvolvendo a conservação pelo uso, contribuindo para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) e geração de serviços ecossistêmicos, pode tornar-se uma nova agenda de desenvolvimento e motivar políticas públicas.

As agroflorestas contribuem na perpetuação de conhecimentos locais e valores socioculturais, além de promover muitos benefícios como a promoção da segurança alimentar e nutricional, hídrica e energética, a melhoria dos ecossistemas por meio do armazenamento de carbono, o aumento da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos e redução da erosão e desmatamento, tornando o sistema alimentar mais resiliente às flutuações climáticas (FAO, 2013).

Neste contexto, Steenbock *et al.* (2013) observa que ao longo do tempo a floresta tem sido um espaço de inserção de práticas produtivas. Cerca de 250 milhões de agricultores em situação de extrema pobreza do mundo, residem em florestas e em áreas de savana, onde o acesso aos produtos florestais é vital para a subsistência e segurança alimentar das famílias (FAO, 2018). O cultivo de árvores, combinado com espécies agrícolas, é uma prática antiga utilizada por agricultores em muitos lugares no mundo, onde as árvores foram mantidas para apoiar a agricultura, como parte integrante dos sistemas agrícolas, com a finalidade de produzir alimentos, um sistema que atualmente é conhecido por agroflorestal (NAIR, 1993).

Os modos de vida de uma comunidade estão intrinsecamente relacionados a fenômenos ligados às condições ambientais, paisagem, fatores edafoclimáticos, biodiversidade e influenciam a cultura, a organização social, as atividades econômicas, políticas do território. No Brasil, devido à sua dimensão continental, é possível encontrar sistemas socioecológicos que diferem entre os muitos biomas, em diferentes escalas, o que determina as características dos agroecossistemas e das atividades agrícolas e agropecuárias, impactando de forma diferenciada aspectos sociais, políticos, culturais e ecológicos nessas áreas.

Povos originários, populações tradicionais e camponesas de forte herança dos conhecimentos tradicionais estabelecem relações mais integradas com as outras formas de vida e o território. Para Viveiro de Castro (2009) a relação natureza – cultura torna-se a base de concepção a orientar a capacidade de definir território ancestral de populações humanas e não humanas. O antropólogo Levi-Strauss (1962) confere identidade ao referir-se em significados para além do primitivo e para a cidadania do pensamento selvagem, pois para os povos ameríndios nem sempre se pode distinguir o que são plantas utilizadas selvagens e domesticadas.

Esse estudo pretende dar visibilidade por territorialidades – conceito que tem conectado as florestas conservadas – cuidadas do mundo, a presença de povos originários e povos e comunidades tradicionais por expressões territórios, paisagens culturais, paisagens domesticadas ou paisagens antrópicas da idade de tempo por métricas de dezenas de milhares de anos. E a exigência de novas perspectivas para compreender a ecologia, a cultura, e territórios de resiliência da relação cultura – ecologia, enquanto relações metabólicas entre ser humano e natureza.

Material e métodos

Este estudo caracteriza-se como etnográfico, exploratório e descritivo, utilizando-se de um levantamento bibliográfico em referenciais teóricos publicados acerca de Sistemas Agroflorestais ancestrais e comunitários, em que povos originários e comunidades tradicionais manejam seu território para obter alimentos e alcançar a soberania alimentar e nutricional. Neste sentido, nos orientamos pelo entendimento de território e territorialidade dos lugares de uso e vida fundamentada na cosmologia do povo Guarani e alguns elementos estruturais de funcionamento No significado da palavra guarani *guârá*, pode incluir e ser da grande paisagem – território guarani, ou um conjunto de paisagens – território e, ainda, um conjunto de territórios. Esta “Paisagem –

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

Território" estaria inserida na "Paisagem Maior" a "Grande Ecologia" ou a "Grande Casa" onde todos vivemos no mundo, em diferentes modos de vida. O conjunto de territórios dos povos originários ou a paisagem – território (para o Guarani, o *guârá*) é onde se encontram os territórios modos de vida guarani, o *tekohá*.

Uma síntese de Scatamacchia (1990) apud Schneider et al (2016) demonstrou que a maioria dos sítios Guarani se concentra em áreas de clima úmido, sem estação seca e com recursos abundantes, geralmente margeando as terras altas. Fora do núcleo florestal do sistema Paraná-Paraguai-Uruguai, os vestígios são encontrados de forma marginal nas áreas alagadiças do Rio Grande do Sul e Uruguai e na região do Chaco, distribuindo-se em áreas colinares, sobre terraços ou vertentes, sobre cerritos, sobre cordões de conchas, sobre sambaquis, sob abrigos, sobre dunas e em terrenos abrigados perto das praias litorâneas.

Schneider et al (2017), a partir dos dados etnohistóricos e etnográficos referentes aos Guarani, especialmente vistos em Montoya (1639) ilustrou esse sistema, onde os domínios espaciais refletiriam laços de parentesco e reciprocidade em três níveis territoriais inclusivos: *guârá*, *tekohá* e *teii* (Montoya, 1639; Noelli, 1993). O *guârá* representaria uma região delimitada geralmente por rios e subdividida em unidades territoriais socioeconomicamente aliadas, denominados *tekohá*, representando a aldeia. Sua área era delimitada geralmente por colinas, arroios ou rios, utilizada comunalmente e exclusivamente pelo grupo local. Finalmente, o s *tekohá* eram formados por *teiî* isolados ou agrupados em função das condições locais e políticas. *Teiî*, 'parcialidade, genealogia', seria a família extensa em linguagem antropológica, podendo ser traduzido também como casa, onde vivia a linhagem e até sessenta famílias nucleares.

Conforme Schneider et al (2017), nesse sistema os *tekohá* eram organizados a partir da conjugação de três níveis espaciais básicos: a casa, o espaço preservado para caça e pesca e o espaço cultivado. A roça, constituída por uma bem estruturada horticultura praticada em clareiras abertas nas florestas por meio da técnica de derrubada e queima da mata (coivara) apresentava-se como um importante fator de manutenção do sistema. Entre os espaços as matas de espécies ancestrais selvagens, a exemplo da mata de *pindó (palmeira jerivá*), a *pindótiba*, que inclui significados como zona de caça plantada, e permite relacionar ao significado de SAF Território. A grande maioria das plantas cultivadas era de origem tropical, apresentando-se mais de 180 cultivos distribuídos em 36 gêneros diferentes (Noelli, 1993, 1998b), incluindo alimentos como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), o amendoim (*Arachis hypogea* L.), o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), a batata (*Solanum tuberosum* L.), o inhame (*Dioscorea* sp.), a batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), o milho (*Zea mays* L.) e tipos variados de abóboras (*Cucurbita* spp.). A alimentação era conjugada ainda com a coleta de plantas silvestres, caça, pesca e cultivo de alguns animais, como larvas e tartarugas (Brochado, 1989). Os autores destacam listas de mais de 1.000 diferentes plantas manejadas nos territórios de uso e vida pelas coleções Guarani de vários biomas, cujas representações foram iniciadas por Montoya**(**1639**)**.

Estes elementos são importantes para a análise de um estudo de caso, com Sistemas Agroflorestais biodiversos, desenvolvido no Trapézio Amazônico na tríplice fronteira Peru – Colômbia – Brasil, Território Ticuna que inclui a presença de aldeias das línguas faladas Kambeba, Kokama, Yagua.

Resultados e discussão

O projeto "Soberania Alimentar e Meio Ambiente", coordenado pela Fundación Caminos de Identidad – FUCAI e equipe da MISEREOR, Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha, para a cooperação ao desenvolvimento, que atua na luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina; teve como objetivos: a) soberania alimentar por hábitos alimentares comunitários; b) funcionamento das chagras – safs; c) territórios de vida comunitários. O estudo de funcionamento iniciou pela localização das chagras - safs na comunidade (utilizando imagens de satélite), determinadas as distancias das chagras até as casas de residência dos promotores, e calculadas as áreas com levantamento de espécies e população.

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

Entre 180 comunidades geolocalizadas, com a ajuda de uma rede de promotores indígenas ,integrantes das equipes técnicas e conhecedores do território e da floresta, diversos lugares de uso e vida foram ganhando visibilidade em 11 comunidades de estudo, os lugares de uso formam um conjunto de lugares de floresta manejada, do significado de SAF Território: chagras de várzea e terra firme, lugares de pesca, lugares de caça, lugares de coleta de frutas na floresta os pepiaderos (lugar de pepas: frutas, amêndoas, sementes, outros recursos), rastrojos (chagras em pousio), lugares de coleta de madeira para construir casas e canoas, lugares de coleta de folhas de palmeiras para a construção de telhados, lugares de coleta de cortaza de *ojé* (arvore cuja segunda pele do tronco é utilizadas para fazer roupas, sacolas e outros utencílios), lugares de coleta de plantas medicinais, lugares de coleta de plantas espirituais, outros lugares de uso e vida. Foram identificados os lagos, rios, igarapés e regiões de igapós (área alagada no período de cheias úmida durante todo o ano), áreas de várzea e terras baixas, e áreas de terras altas (terra firme).

A complexidade dos lugares de uso e vida dos territórios comunitários Ticuna, revela relações muito específicas entre comunidades-aldeias: comunidades de maior domínio em construção de canoas; comunidades de maior presença de palmeiras melhores para fazer telhados da palmeira *caraná*; comunidades de maior fartura de peixe pela maior presença de lagos. Estes elementos território do mundo modo de vida cosmológico Ticuna nos permitindo tornar visível identidades para os elementos território *guârá, tecorrá, teii, pindó* e *pindótiba* do mundo modo de vida Guarani.

A diversidade de áreas de uso e vida, possuem características de floresta manejada incluindo hiperdominância de grupos de espécies de interesse comunitário, características de floresta manejada como um SAF Território ancestral. Os *pepiaderos* Ticuna são semelhantes as *pindótibas* Guarani, talvez do hoje amazônico Ticuna e do ancestral, entre 2.000 e 4.000 anos, antes do presente Guarani. São matas plantadas da hiperdominância de grupos de espécies que possuem entre outras funções de uso e vida zonas de caça. Áreas SAF Territórios ancestrais dos buritizais Ticuna e dos jerivas Guarani.

Este estudo de caso realizado em processo de avaliação do projeto foi realizado em uma rede de 91 famílias de 11 comunidades sobre o hábito e a qualificação de elementos de funcionamento produtivo e manejo de SAF em áreas de conversão produtiva mais consolidada das famílias de 7 promotores indígenas. A base de consumo entre as diversas áreas SAF do Território, incluindo as áreas manejadas de chagras saf sem queima, identificou o uso de mais de 190 espécies de plantas e 35 espécies de peixes principais além de caças diversas no hábito de consumo. Conforme os dados oficiais do IBGE (Censo Agropecuário e Monitoramentos anuais) o Brasil de mais de 5.500 municípios, possui uma lista de cerca de 182 espécies de diferentes plantas utilizadas na sua maioria para a alimentação.

A diversificação de espécies nas chagras safs sem queima: de 9 espécies pelo diagnóstico de base em 2010, crescendo para 18 espécies em 2014, e entre 30 a 80 espécies em 2019 -20. Este desempenho determina taxas anuais de evolução de cerca de 50% conforme informes até 2014 e cerca de 61% ao ano conforme monitoramento FUCAI de 2019-20. As investigações comunitárias realizadas na avaliação externa em 2020 confirmaram estes resultados assim como dados do monitoramento de FUCAI realizados em 2019. O aumento da produção comparando o diagnóstico de linha de base (2010) onde as famílias produziam cerca de 1,5 kg de alimento/planta (base de 9 espécies com predominância de yuca doce e amarga, e plátano, em condições de baixa fertilidade de parte significativa das chagras e tendência de queda) para cerca de 2,5 kg de alimento por planta (30 a 80 espécies manejadas por família) um crescimento de cerca de 7,4% ao ano no período de 10 anos (2010 – 2019/20). Os cenários futuros indicam potencial ampliação da produção de soberania alimentar e de ingressos econômicos.

A redução de queimadas e/ou desmatamento de floresta indicam que 85% das 373 famílias (317 famílias, informes 2017) manejam suas chagras – safs sem queima em áreas de 1,5 hectares por família totalizando cerca de 475 hectares. Desta forma o projeto revela impactos de redução de desmatamento e queimadas, no período 2010 – 2020, de cerca de 12% ao ano. A perspectiva de cuidado ambiental das chagras – safs avaliada permite considerar, a partir do diagnóstico de linha de base (2010) diretamente relacionado as taxas de evolução do número de espécies manejadas, taxas próximas de 61% ao ano. Deve ser considerado que se avaliações de carbono

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

forem realizadas nas chagras safs dos projetos, podem ser qualificados como “carbono – biodiversidade” por comprovarem fluxos de flora e fauna com condição de hábitat para a biodiversidade. Ao qualificar potencial indicador de “carbono – biodiversidade” em condição de hábitat considera-se que a quantidade de carbono dos sistemas agroflorestais nas chagras inclui, além da redução de desmatamento e queimadas, fluxos de fauna comprovando condições de circulação das espécies animais nas áreas, alimentação, dormitório, reprodução e residência. Todas estas qualidades atribuídas devem ser compreendidas como certificações possíveis de serviços ambientais.

Observa-se neste estudo, que os Safs em questão, não são unidades produtivas individuais, tratam-se de “agroflorestas território”, ou também podem ser denominadas de “agroflorestas dos territórios comunitários”, cujo manejo e organização social assemelha-se ao modo de vida Guarani, com importante domínio ecológico. Para Noelli (1993, 1998b)**,** o controle ecológico da paisagem, do povo Guarani, teria sido possível a partir de constantes manejos agroflorestais sobre o espaço ocupado, contribuindo para que não ocorresse escassez de recursos naturais nas áreas próximas às aldeias. Para além da introdução dos cultivos de roça, a capacidade de alterar comunidades arbóreas com a criação de florestas antropogênicas, não somente proporcionaria recursos úteis, mas também promoveria a diminuição da exploração das florestas primárias. Nessa dinâmica, se por um lado a ocupação de longa permanência era permitida pela transformação consciente do ambiente, por outro, a estabilidade também se apresentava como um efeito colateral do manejo agroflorestal, uma vez que este demandava um longo e laborioso tempo de execução.

Destaca-se que a territorialidade dos fluxos de vida, das espécies manejadas, domesticadas e selvagens, é um elemento importante para a conservação da biodiversidade, como também para a manutenção dos serviços ecossistêmicos e para a soberania alimentar dos povos e comunidades tradicionais. As paisagens território dos modo de vida dos povos originários podem nos revelar grandes invisibilidades ainda hoje, a presença de espécies ancestrais não domesticadas intensivamente, da convivência da cultura e ecologia. Os babaçuais, os carnaubais, as veredas dos buritizais, os faxinais da Mata de Araucária, os castanhais da amazônia, os açaizais, os pequizais, as grandes concentrações dos barus entre as comunidades morroquianas, os butiazais dos lugares lagunares, os *pepiaderos* de buritizais Ticuna e as *pindótibas Guarani.*

Conclusão

A grande diversidade cultural e a agrosociobiodiversidade brasileira, representam uma imensa biblioteca viva de possibilidades em um cenário de distúrbios alimentares, obesidade e desnutrição, bem como de colapso ambiental. Considerando que muitas espécies vegetais têm maiores possibilidades de adaptação ao cenário de mudanças climáticas, pois são mais resistentes em relação as mudanças nas variáveis ambientais, como aumento de temperatura e mudanças no padrão de chuvas, valorizar a agrosociobiodiversidade constitui-se uma importante estratégia de SAN. A combinação de maior produtividade e diminuição das pressões ambientais da agricultura pode ser alcançada de diferentes maneiras. Porém, poucas são as opções em que ganhos de produtividade são associados à maior diversidade agrossistêmica, como nas “agroflorestas dos territórios comunitários”.

Destaca-se a urgência de dar visibilidade a estes territórios comunitários, cujo manejo resiliente a milhares de anos, vem garantindo a sobrevivência de populações. Neste sentido, destacamos a importância de realizar mais estudos de caso, junto a comunidades em diferentes biomas, dando luz ao modo de vida e manejo ancestral da biodiversidade.

Referências bibliográficas

BROCHADO, José Joaquim. Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo*, São Paulo, v. 27, p. 65-82, 1989.

COELHO, G. C. **Sistemas agroflorestais**. São Carlos: Rima Ed., 2012.

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Advancing Agroforestry on the Policy Agenda: a guide for decision-maker. *In*: BUTTOUD, G. O. *et al.* **Agroforestry Working Paper** *n. 1.* Food and Agriculture Organization of the United Nations. FAO: Rome, 2013, 37 p.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. State of theWorld's Forests 2018. **Forests and agriculture: land-use challenges and opportunities**. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i5588e.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2020.

PLATAFORMA INTERGOVERNAMENTAL DE CIÊNCIA E POLÍTICA DE BIODIVERSIDADE E SERVIÇOS ECOSSISTÊMICOS (IPBES), **Relatório Temático Agricultura, Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos.** Disponível em: https://www.bpbes.net.br/produto/relatorio-tematico-agricultura-biodiversidade-e-servicos-ecossistemicos/, acessado em 12 de agosto de 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. 2a. ed. Campinas, Papirus, 1962

MISEREOR, Avaliação do trabalho de promoção de soberania alimentaria y medio ambiente en la frontera de Brasil, Perú y Colombia na Amazonia, ***Relatório da*** **Fundación Caminos de Identidad – FUCAI ,** *2020*.

NAIR, P. K. R. **An Introdution to Agroforestry**. London: Kluwer, 1993, 499p.

NOELLI, Francisco da Silva. **Sem Tekohá não há Tekó**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS. *1993*. 609 f. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, Francisco da Silva. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. **Fronteiras: Revista de História**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 275-296, sem. 1998b.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) BRASIL**. Relatório da ONU mostra que 1 milhão de espécies de animais e plantas enfrentam risco de extinção**, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatorio-da-onu-mostra-que-1-milhao-de-especies-de-animais-e-plantas-enfrentam-risco-de-extincao/>. Acesso em: 13 mai. 2019.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá***:* fontes arqueológicas e etnohistóricas. 1990. 267 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SCHNEIDER, F.,WOLF, S;KREUTZ, M.R, MACHADO, N.T.G. Tempo e espaço Guarani: um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentação pré—colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 12,31-56; 2017.

STEENBOCK, W. *et al.* Agroflorestas e sistemas agroflorestais no espaço e no tempo. *In.* STEENBOCK, W. *et al.* (Orgs.). **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. 1.ed. Curitiba: Kairós, 2013. p. 39-60

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com

SWINBURN B. *et al.* The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change**:** The Lancet Commission report**. Lancet,** v. 393, n. 10173, 2019, p.791-846.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo, Ubu Editora e n-1 edições;2009

PALAVRAS-CHAVE: Agrofloresta, território, territorialidade, soberania alimentar, povos e comunidades tradicionais

[1] UFRGS, mirianfabiane@gmail.com
[2] UFRGS, alvoricaelon@hotmail.com